



TAMPA LIFE CHURCH

CLOAKED

SÉRIE DE ESTUDOS BÍBLICOS

PARTE 2

Parte 2: Mais Do Que Aquilo Que Te Cobre

PARTE

MAIS DO QUE AQUILO QUE TE COBRE

01

“Então, chegaram a Jericó. Quando Jesus e os seus discípulos, com uma grande multidão, estavam saindo da cidade, o filho de Timeu, Bartimeu, que era cego, estava sentado à beira do caminho pedindo esmolas... Lançando a capa para o lado, com um pulo, pôs-se de pé e dirigiu-se a Jesus.” (Marcos 10:46, 50)

MARCOS 10:46–52 (NVI)

A maioria dos crentes se lembra da história de Bartimeu como o milagre de um cego que recebeu a visão. No entanto, antes mesmo de Marcos nos contar sobre o milagre, ele nos apresenta cuidadosamente o próprio homem. O escritor do Evangelho faz algo incomum ao identificá-lo não simplesmente pelo nome, mas pela sua condição: “o cego Bartimeu”. Por gerações, esse homem foi lembrado não principalmente por quem ele era, mas pelo que lhe faltava. Sua cegueira havia se entrelaçado tanto à sua identidade que precedia o próprio nome. Isso revela uma verdade profunda sobre a natureza humana. Frequentemente nos definimos, e definimos os outros, pelas fraquezas visíveis, pelas experiências dolorosas, pelos fracassos ou pelas limitações, em vez de pelo propósito que Deus colocou dentro de nós. Bartimeu tinha um nome dado por seu pai, mas a sociedade o substituiu por um rótulo. Em vez de ver um homem criado à imagem de Deus, viam apenas um mendigo cego sentado à beira do caminho.

Essa tendência jamais pertenceu a Deus. Ao longo das Escrituras, o Senhor sempre olhou além da aparência exterior para ver o que ninguém mais conseguia ver. Quando Samuel estava diante dos filhos de Jessé procurando o próximo rei de Israel, todo instinto humano apontava para Eliabe. Ele parecia forte, maduro e com porte de rei, mas o Senhor imediatamente corrigiu a perspectiva de Samuel ao declarar: “Porque o Senhor não vê como o homem vê; o homem olha para a aparência exterior, mas o Senhor olha para o coração” (1 Samuel 16:7). A avaliação de Deus sempre foi diferente da nossa. Onde as pessoas veem limitações, Deus vê possibilidades. Onde outros veem quebrantamento, Ele vê restauração. Onde o mundo vê fracasso, Deus já vê redenção. O céu nunca definiu as pessoas pelo que elas são atualmente, mas pelo que a Sua graça pode transformá-las em ser.

Essa verdade explica por que Jesus continuamente chocava os líderes religiosos de Seus dias. Ele olhava para pescadores rústicos e via futuros apóstolos que mudariam o mundo. Ele olhava para um cobrador de impostos desprezado e via um evangelista. Ele olhava para Saulo, o perseguidor da Igreja, e via Paulo, o missionário que levaria o Evangelho por todo o Império Romano. Mesmo quando outros enxergavam as pessoas através das lentes de seu pecado ou vergonha, Jesus olhava mais fundo. Ele nunca desculpou o pecado, mas também nunca permitiu que o pior momento de alguém se tornasse sua identidade permanente. Todo encontro com Cristo lembrava as pessoas de que o passado não precisava ditar o futuro.

Bartimeu, no entanto, vivia debaixo de algo que constantemente lembrava a ele mesmo e a todos ao redor sobre sua condição. A capa que ele usava era mais do que uma peça de roupa. Naquela cultura, tais vestes frequentemente identificavam um mendigo e comunicavam seu lugar dentro da sociedade. Antes mesmo de Bartimeu falar, sua capa já anunciava quem as pessoas acreditavam que ele era. Toda manhã ele se envolvia na mesma veste, sentava-se no mesmo lugar, esperava o mesmo resultado e

ouviam as mesmas vozes que reforçavam a mesma identidade. Com o tempo, é fácil imaginar que a capa deixou de parecer uma roupa; ela passou a parecer quem ele era. O que começou como algo que ele vestia acabou se tornando algo que ele acreditava sobre si mesmo.

O inimigo ainda age da mesma forma hoje. Se Satanás não consegue impedir o chamado de Deus sobre nossas vidas, ele tentará nos convencer de que nossas lutas nos definem. Ele quer que os crentes usem capas invisíveis, tecidas de rejeição, medo, insegurança, decepção, amargura, vício ou fracasso, até que essas experiências se tornem as lentes através das quais interpretam cada promessa de Deus. Muitos cristãos acreditam sinceramente que foram perdoados, mas continuam vivendo como se estivessem condenados. Eles aceitaram a salvação de Deus, mas se recusam a aceitar a definição que Deus dá de quem agora são. Assim como Israel depois de sair do Egito, eles fisicamente deixaram a escravidão, mas a escravidão nunca deixou o seu modo de pensar.

O apóstolo Paulo nos lembra que a salvação é muito mais do que melhorar nosso comportamento. “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17). Isso não é apenas uma mudança de hábitos; é a criação de uma identidade totalmente nova. Deus não simplesmente conserta a pessoa antiga; Ele cria uma pessoa nova. O desafio é que, embora Deus possa mudar nossa identidade num instante, renovar a nossa mente muitas vezes se torna uma jornada de vida inteira. Muitos crentes continuam pensando como prisioneiros muito tempo depois de Cristo já ter aberto a porta da prisão. Continuam se apresentando por meio de antigas feridas, em vez de pelas promessas de Deus.

É por isso que a capa se torna um dos símbolos mais significativos na história de Bartimeu. Antes mesmo de Jesus curar seus olhos, Bartimeu joga fora a própria veste que representava sua antiga identidade. Sua cura não estava na capa, mas além dela. Nesse único gesto, ele demonstrou uma fé que se recusava a deixar que a identidade de ontem determinasse o destino de amanhã. A multidão ainda via um mendigo cego, mas Bartimeu já estava respondendo à voz de Jesus como alguém cuja vida estava prestes a mudar para sempre.

Todo discípulo, eventualmente, chega a esse mesmo momento. Cristo nos chama a deixar de lado tudo o que tem escondido nossa verdadeira identidade nele. Para alguns, a capa pode ser o medo. Para outros, pode ser a culpa, o orgulho, a decepção, a insegurança ou a opinião das pessoas. Seja o que for, não podemos continuar caminhando em direção a Jesus enquanto nos apegamos justamente àquilo que nos manteve sentados à beira do caminho. O Senhor nunca teve a intenção de que Seus filhos fossem identificados por suas feridas, mas pela Sua graça transformadora. O mundo pode continuar lembrando os seus fracassos, as suas circunstâncias ou o seu passado, mas o céu o chama pela identidade que Deus lhe deu. Toda vez que Jesus pronuncia o seu nome, Ele está convidando você a deixar para trás a capa que o cobria e a se tornar a pessoa que Ele sempre teve a intenção de que você fosse.

CLOAKED

PARTE

O DISCERNIMENTO COMEÇA AO OUVIR A VOZ
CERTA

02

Um dos detalhes que Marcos enfatiza intencionalmente é que o milagre de Bartimeu não começou com o que ele viu, mas com o que ele ouviu. Na verdade, ver não teve nada a ver com o início de sua transformação, porque enxergar era impossível para ele. O primeiro passo rumo ao seu milagre veio pelos seus ouvidos. A Escritura diz: “E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, começou a clamar...” (Marcos 10:47). Essa única afirmação revela um princípio espiritual importante: antes de Deus mudar nossas circunstâncias, Ele frequentemente muda aquilo que estamos ouvindo. A cegueira física de Bartimeu o impedia de reconhecer Jesus com os olhos, mas sua sensibilidade espiritual lhe permitiu reconhecer a importância daquele momento por meio da audição. Seus ouvidos se tornaram a porta pela qual a fé entrou em seu coração.

Isso não deveria nos surpreender, pois Paulo ensina o mesmo princípio em Romanos 10:17: “Consequentemente, a fé é pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.” A fé sempre esteve ligada à audição. Muito antes de vermos Deus agir, primeiro ouvimos a Sua voz. Antes de Abraão caminhar em direção a Canaã, ele ouviu o chamado de Deus. Antes de Moisés confrontar o Faraó, ele ouviu a voz vinda da sarça ardente. Antes de Samuel se tornar profeta, ele primeiro aprendeu a reconhecer a voz do Senhor dizendo: “Samuel, Samuel.” Ao longo das Escrituras, o povo de Deus foi transformado porque aprendeu a distinguir Sua voz de todas as outras vozes concorrentes ao redor.

O admirável em Bartimeu é que ele reconheceu algo significativo no meio de um tremendo alvoroço. Marcos nos diz que havia “uma grande multidão”. As ruas estavam cheias. Conversas aconteciam por toda parte. Pés se arrastavam pela estrada, mercadores chamavam seus clientes, crianças riam, viajantes iam de um lugar para outro, e a atmosfera estava carregada de agitação. No entanto, em meio a toda aquela confusão, Bartimeu ouviu uma frase que mudou tudo: “Jesus de Nazaré está passando.” Muitas pessoas ouviram as mesmas palavras, mas apenas um mendigo cego compreendeu o que elas realmente significavam.

Essa é a essência do discernimento bíblico. Discernimento não é simplesmente a capacidade de ouvir; é a capacidade de reconhecer a voz que mais importa. Todos os dias nossas vidas são preenchidas de ruído. Manchetes de notícias competem pela nossa atenção. As redes sociais oferecem opiniões intermináveis. Amigos nos dão conselhos. As nossas próprias emoções falam constantemente. O medo sussurra. Experiências passadas nos lembram de decepções anteriores. A carne argumenta em favor do conforto, enquanto o Espírito nos chama à obediência. Viver nesta geração exige mais do que informação; exige discernimento. Precisamos aprender a separar a voz de Deus de todas as outras vozes que exigem nossa atenção.

O próprio Jesus descreveu essa relação entre o Pastor e Suas ovelhas. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem” (João 10:27). Note que Jesus não disse que Suas ovelhas ouvem muitas vozes igualmente. Elas reconhecem uma única voz acima de todas as outras. Pastores no Oriente Médio muitas vezes pastoreavam múltiplos rebanhos juntos, mas, na hora de partir, cada pastor simplesmente chamava suas ovelhas. Embora dezenas de vozes os cercassem, cada ovelha respondia apenas à voz do pastor que havia aprendido a confiar. Esse relacionamento era construído por meio de familiaridade diária. Elas reconheciam o seu tom de voz porque haviam passado tempo com ele.

O mesmo princípio se aplica espiritualmente. O discernimento não é produzido por experiências emocionais ocasionais; ele é desenvolvido por meio de intimidade constante com Deus. Quanto mais tempo passamos em oração, na Escritura, na adoração e em comunhão silenciosa com o Senhor, mais fácil se torna reconhecer quando Ele está falando. Por outro lado, quando nossas vidas se tornam consumidas pelo ruído do mundo, a voz de Deus não necessariamente fica mais silenciosa; na verdade, a nossa capacidade de reconhecê-la é que se enfraquece. O problema raramente é a disposição de Deus para falar. O problema é se treinamos os nossos ouvidos espirituais para distinguir a Sua voz em meio a toda influência concorrente.

Isso explica por que Bartimeu respondeu de maneira diferente de todos os outros. Muitos na multidão viam Jesus como mais um mestre itinerante. Outros simplesmente desfrutavam a agitação de segui-LO de cidade em cidade. Alguns eram curiosos, esperando testemunhar mais um milagre. Bartimeu, no entanto, ouviu oportunidade. Ele discerniu que aquela não era simplesmente mais uma multidão passando por Jericó. O próprio céu havia se aproximado. O que outros consideravam um dia comum, Bartimeu reconheceu como um encontro divino. O discernimento lhe permitiu identificar o momento que Deus havia preparado especificamente para ele.

Há uma lição importante para todo crente aqui. Deus frequentemente age de forma silenciosa antes de agir publicamente. O Espírito Santo começa a falar ao coração muito antes de as circunstâncias começarem a mudar. Muitas pessoas perdem a direção de Deus porque esperam que Ele grite, enquanto ignoram o Seu sussurro suave. Elias aprendeu essa lição no monte Horebe. O Senhor não estava no vento, no terremoto ou no fogo, mas numa “voz mansa e delicada” (1 Reis 19:12). Aqueles que continuamente buscam manifestações dramáticas podem passar despercebidos pelo suave impulso do Espírito que silenciosamente direciona suas vidas a cada dia.

O inimigo também compreende a importância de ouvir. Se ele não consegue impedir Deus de falar, tentará afogar a voz de Deus sob distração. Satanás sabe que um crente distraído se torna um crente ineficaz. É por isso que a Escritura repetidamente nos adverte a guardar tanto o coração quanto os ouvidos. Cada voz que continuamente acolhemos molda nosso pensamento. Cada influência que repetidamente permitimos em nossas vidas lentamente forma a nossa perspectiva. Eventualmente, o que ouvimos determina o que cremos, e o que cremos, em última análise, determina como vivemos.

Bartimeu nos ensina que o discernimento começa ao reconhecer a voz certa no momento certo. Antes mesmo de seus olhos serem abertos, seus ouvidos já estavam sintonizados na esperança. Enquanto a multidão se concentrava no barulho ao redor de Jesus, Bartimeu se concentrava no próprio Jesus. Essa única decisão mudou o rumo de sua vida para sempre. Todo crente precisa aprender essa mesma disciplina. Num mundo transbordando de opiniões, distrações, medos e mensagens concorrentes, a nossa maior necessidade não é simplesmente ouvir mais vozes, mas reconhecer a Única voz que sempre nos conduz à verdade. Quando aprendemos a ouvir claramente o Pastor, jamais confundiremos o ruído passageiro da multidão com o chamado eterno de Deus.

PARTE

O DISCERNIMENTO É DESENVOLVIDO, NÃO BAIXADO PRONTO

03

Um dos maiores equívocos sobre o discernimento é a crença de que ele é reservado a um grupo seleto de indivíduos espiritualmente dotados. Muitos crentes presumem que o discernimento surge repentinamente como uma habilidade sobrenatural que permite a alguém reconhecer instantaneamente a verdade em meio ao erro, sem nenhum crescimento ou disciplina espiritual. Embora o Espírito Santo certamente distribua dons segundo a Sua vontade (1 Coríntios 12:10), o discernimento que o Pastor enfatizou nesta lição não é, primariamente, um dom que chega da noite para o dia — é uma faculdade espiritual que amadurece através de um relacionamento com Deus ao longo da vida. A Escritura ensina que o discernimento é cultivado, fortalecido e refinado por meio da obediência contínua, e não de uma inspiração repentina.

O escritor de Hebreus explica esse princípio com notável clareza. “Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pela prática, têm as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal” (Hebreus 5:14). Observe a linguagem com cuidado. A Escritura não diz que os crentes maduros receberam discernimento num único momento; ela diz que os seus sentidos espirituais foram “exercitados”. Essa palavra descreve um treinamento deliberado. Assim como os músculos se fortalecem por meio de resistência repetida, o discernimento espiritual se torna mais afiado por meio de obediência repetida. Deus desenvolve discernimento naqueles que escolhem consistentemente a Sua voz em vez dos próprios desejos.

Esse princípio se vê ao longo de toda a Escritura. José não acordou uma manhã com uma sabedoria extraordinária. Anos servindo fielmente como escravo, e depois como prisioneiro, o prepararam para interpretar os sonhos de Faraó. O discernimento de Davi não se desenvolveu quando ele se tornou rei; foi formado durante anos solitários cuidando de ovelhas, aprendendo a confiar em Deus quando ninguém estava vendo. A sabedoria de Daniel não começou no palácio da Babilônia. Começou quando ele silenciosamente decidiu que não se contaminaria com a comida do rei. Antes de Deus confiar a esses homens influência pública, Ele primeiro desenvolveu neles a obediência privada.

A vida cristã segue o mesmo padrão. O discernimento cresce cada vez que escolhemos a Escritura em vez da opinião pessoal. Cresce quando respondemos com humildade à correção, em vez de nos defendermos. Cresce quando nos arrependemos rapidamente após a convicção, em vez de justificar nossas ações. Cresce quando permanecemos fiéis durante temporadas de espera, em vez de forçar portas que Deus ainda não abriu. Cada ato de obediência treina os sentidos espirituais a reconhecer os caminhos de Deus com mais clareza. Pouco a pouco, o que antes parecia confuso passa a ser inconfundível, porque o crente aprendeu a reconhecer o caráter e a voz de Deus.

Isso explica por que a maturidade espiritual não pode ser medida apenas pelo tempo que alguém frequenta a igreja ou pela quantidade de informação bíblica que possui. Uma pessoa pode conhecer muitos versículos e ainda assim carecer de discernimento se essas verdades nunca foram vividas. O conhecimento informa a mente, mas a obediência transforma o coração. Os fariseus conseguiam citar as Escrituras melhor do que qualquer outra pessoa em Israel, mas falharam completamente em reconhecer o Messias diante deles. O problema deles não era ignorância da Bíblia; era a ausência de um coração moldado pela obediência humilde. O conhecimento, sozinho, jamais garante discernimento.

O Pastor destacou que o discernimento é desenvolvido através de várias práticas que Deus repetidamente usa para amadurecer o Seu povo: oração, Escritura, arrependimento, correção e obediência. Cada uma dessas práticas exige humildade. A oração nos ensina a escutar antes de falar. A Escritura confronta nossas opiniões com a verdade de Deus. O arrependimento nos obriga a reconhecer que somos capazes de estar errados. A correção expõe áreas onde o orgulho ainda permanece. A obediência nos ensina a confiar na sabedoria de Deus acima do nosso próprio entendimento. Nenhuma dessas experiências é sempre confortável, mas todas contribuem para a formação do discernimento espiritual.

Talvez uma das disciplinas mais negligenciadas na cultura de hoje seja receber correção. A sociedade moderna encoraja as pessoas a protegerem seus sentimentos a qualquer custo, mas a Escritura consistentemente apresenta a correção como uma expressão do amor de Deus. “Porque o Senhor corrige a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem” (Provérbios 3:12). Um crente maduro não guarda ressentimento pela correção; ele a acolhe, porque entende que Deus frequentemente usa outras pessoas para revelar pontos cegos que ele mesmo não consegue ver. O discernimento cresce sempre que a humildade vence a atitude defensiva.

Da mesma forma, o arrependimento aprimora o discernimento porque continuamente realinha o coração com Deus. O arrependimento é muito mais do que confessar pecados isolados. É um ajuste contínuo dos nossos pensamentos, atitudes, motivos e desejos. Toda vez que sinceramente pedimos ao Senhor que examine nosso coração, nos tornamos mais sensíveis ao Seu Espírito. Davi orou: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos” (Salmo 139:23). Essa oração reflete uma maturidade espiritual genuína. Aquele que busca discernimento não está principalmente pedindo a Deus que exponha as falhas de todos os outros; está pedindo a Deus que revele as suas próprias.

À medida que o discernimento amadurece, os crentes também começam a reconhecer a diferença entre convicção e condenação. A convicção é a obra suave do Espírito Santo, conduzindo-nos ao arrependimento e à restauração. A condenação, porém, é a voz do inimigo, produzindo vergonha sem esperança. Ambas podem expor o pecado, mas conduzem a direções opostas. A convicção sempre nos aponta para Cristo, enquanto a condenação nos afasta dEle. Somente um coração treinado pela intimidade com Deus aprende a distinguir essas duas vozes.

A verdade encorajadora é que todo crente pode crescer em discernimento. Deus não reserva a maturidade espiritual apenas para pastores, mestres ou profetas. Tiago escreve: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente” (Tiago 1:5). O Senhor tem prazer em dar sabedoria àqueles que sinceramente a buscam. O discernimento não é o prêmio do elitismo espiritual; é o fruto do discipulado fiel. À medida que caminhamos diariamente com Cristo, submetendo-nos à Sua Palavra e cedendo à obra do Seu Espírito, os nossos sentidos espirituais se tornam cada vez mais capazes de reconhecer a verdade em meio ao erro, a sabedoria em meio à tolice, e a voz de Deus em meio a toda influência concorrente. Como músculos fortalecidos pelo exercício constante, o discernimento se torna mais forte cada vez que escolhemos a obediência acima da própria vontade, até

que reconhecer a direção de Deus se torne a resposta natural de um coração treinado pela Sua presença.

PARTE

A DIFERENÇA ENTRE DISCERNIMENTO E SUSPEITA

04

Uma das verdades mais práticas desta lição é a distinção que o Pastor faz entre discernimento e suspeita. Embora essas duas atitudes possam parecer semelhantes à primeira vista, na verdade nascem de fontes completamente diferentes e produzem resultados completamente diferentes. Muitos cristãos sinceros acreditam estar operando em discernimento quando, na realidade, estão simplesmente permitindo que o medo, feridas do passado ou suposições pessoais moldem a forma como interpretam pessoas e circunstâncias. Como tanto o discernimento quanto a suspeita costumam alegar “enxergar além da superfície”, é fácil confundi-los. No entanto, a Escritura ensina que um é produzido pelo Espírito Santo, enquanto o outro é produzido pela natureza caída do homem.

O Pastor resumiu essa diferença com duas definições poderosas. Ele disse: “A suspeita é o medo procurando evidências, enquanto o discernimento é a verdade moderada pelo Espírito.” Essas duas afirmações merecem uma meditação cuidadosa. A suspeita começa com uma conclusão e depois procura fatos que a sustentem. O discernimento começa com humildade e permite que o Espírito Santo revele a verdade no Seu tempo. A suspeita presume motivos antes de existir qualquer evidência. O discernimento examina pacientemente o fruto antes de chegar a uma conclusão. Um opera a partir da ansiedade; o outro opera a partir da intimidade com Deus.

Essa distinção é especialmente importante porque a suspeita frequentemente se disfarça de maturidade espiritual. Alguém pode dizer: “Eu simplesmente tenho um pressentimento sobre aquela pessoa”, ou “O Senhor me mostrou que há algo errado”. Embora certamente existam momentos em que o Espírito Santo genuinamente adverte o Seu povo, nem todo sentimento se origina em Deus. Às vezes, o que chamamos de discernimento é simplesmente a voz de uma antiga ferida falando mais alto do que a voz do Espírito Santo. Uma traição dolorosa no passado pode nos tornar desconfiados de pessoas confiáveis no presente. Decepções anteriores podem nos fazer antecipar o fracasso onde ele não existe. Sem perceber, começamos a interpretar os relacionamentos de hoje através das feridas de ontem.

A Bíblia repetidamente adverte contra julgar motivos precipitadamente. O próprio Jesus ordenou: “Não julgueis pela aparência, mas julgai com justo juízo” (João 7:24). Note que Jesus não eliminou o julgamento por completo; em vez disso, Ele transformou a maneira como os crentes devem julgar. O juízo justo se recusa a parar na aparência. Ele busca a verdade em vez de suposições. Ele escuta antes de falar. Ele espera antes de acusar. Ele permite que Deus exponha aquilo que os olhos humanos não conseguem ver imediatamente. O discernimento nunca é impulsivo, porque o próprio Deus nunca é imprudente com a verdade.

O apóstolo Paulo demonstrou esse mesmo espírito ao escrever aos coríntios. Ele declarou: “Portanto, nada julgueis antes do tempo determinado, até que o Senhor venha, o qual não só trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações” (1 Coríntios 4:5). Paulo compreendia que os motivos pertencem a Deus. Os seres humanos podem avaliar ações, observar frutos e aplicar princípios bíblicos, mas somente o Senhor conhece perfeitamente as intenções do coração. A suspeita esquece essa verdade e atribui motivos com confiança onde somente Deus possui conhecimento completo.

É por isso que a Escritura repetidamente ensina os crentes a avaliar frutos, e não personalidades. Jesus disse: “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16). O fruto se desenvolve com o tempo. Ele não pode ser avaliado com precisão numa única conversa ou num momento isolado. Uma árvore não é julgada por uma folha, mas pela colheita consistente que produz estação após estação. Da mesma forma, o discernimento espiritual observa pacientemente os padrões de humildade, fidelidade, arrependimento e obediência. A suspeita, porém, chega a conclusões imediatamente. Ela vê uma ação, ouve um comentário, testemunha um erro e rapidamente constrói toda uma narrativa sobre o caráter de outra pessoa.

Talvez em nenhum outro lugar esse contraste seja mais lindamente exibido do que no ministério de Jesus. Os líderes religiosos constantemente enxergavam as pessoas com olhos suspeitos. Questionavam os motivos dos discípulos de Cristo por comerem no sábado. Criticavam Jesus por jantar com publicanos e pecadores. Condenavam a mulher que lavou os pés dEle antes mesmo de considerar a sinceridade do seu arrependimento. Seus corações se haviam enchido tanto de suspeita que já não conseguiam reconhecer a graça diante deles. Jesus, porém, olhava além das aparências. Ele via fé genuína onde outros só viam fracasso. Reconhecia arrependimento sincero onde outros só viam vergonha. Ele discernia corações, em vez de simplesmente reagir às circunstâncias.

O perigo da suspeita não está apenas em prejudicar relacionamentos; ela também distorce a nossa própria percepção espiritual. Um coração suspeito, com o tempo, perde a capacidade de confiar, alegrar-se e ter esperança. O medo se torna a lente através da qual toda conversa, decisão e relacionamento é interpretado. As pessoas passam a esperar traição antes mesmo de estabelecer confiança. Todo desacordo é visto como rebeldia. Toda correção é percebida como rejeição pessoal. Toda situação desconhecida se torna motivo de ansiedade. Com o tempo, a suspeita aprisiona a própria pessoa que acredita estar se protegendo.

Em contraste, o discernimento produz paz porque repousa na soberania de Deus. Um crente discernidor não sente necessidade de conhecer cada detalhe oculto ou expor cada problema percebido. Ele confia que Deus é plenamente capaz de revelar a verdade no tempo certo. Essa confiança o liberta para amar as pessoas sem se tornar ingênuo, para estender graça sem abandonar a sabedoria, e para permanecer humilde ao mesmo tempo em que permanece firmemente ancorado na verdade bíblica. O discernimento nem ignora o perigo nem o exagera. Ele simplesmente responde de acordo com a condução do Espírito Santo.

João dá à Igreja uma instrução importante a respeito do discernimento quando escreve: “Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus” (1 João 4:1). A ordem não é para nos tornarmos cínicos, mas discernidores. Há uma diferença enorme. O cinismo espera engano em todo lugar, enquanto o discernimento simplesmente testa tudo pela Palavra de Deus. O crente maduro não se torna ingênuo, mas também não se torna suspeito de todos que encontra. Em vez disso, ele permite que a Escritura, a oração e o testemunho do Espírito Santo guiem as suas conclusões.

No fim das contas, o coração do discernimento é o amor governado pela verdade. A suspeita busca razões para desconfiar, enquanto o discernimento busca a perspectiva de Deus. A suspeita constrói

muros que isolam as pessoas umas das outras, mas o discernimento constrói sabedoria que protege os relacionamentos sem destruí-los. Quando o nosso coração está rendido a Cristo, deixamos de perguntar: “Como posso provar que estou certo?”, e começamos a perguntar: “Senhor, ajuda-me a ver esta situação como Tu a vêes.” Essa oração marca o início do verdadeiro discernimento espiritual, pois o propósito do discernimento jamais foi nos tornar especialistas em expor pessoas. Seu propósito é nos fazer conhecer Deus tão intimamente que a Sua sabedoria se torne a lente através da qual enxergamos tudo o mais.

PARTE

JESUS NUNCA JULGOU PELA APARÊNCIA

05

Uma das afirmações mais profundas na profecia de Isaías a respeito do Messias vindouro está em Isaías 11. Falando centenas de anos antes do nascimento de Cristo, o profeta descreve as características que distinguiriam o ministério de Jesus de todo governante terreno que viera antes dEle. Depois de descrever o Espírito de sabedoria, entendimento, conselho, poder, conhecimento e o temor do Senhor repousando sobre Ele, Isaías escreve estas palavras notáveis: “Não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos” (Isaías 11:3). Esse versículo revela o próprio coração do discernimento bíblico. Jesus não formaria conclusões meramente a partir do que podia ver ou ouvir. Os Seus juízos fluiriam de uma comunhão perfeita com o Pai, e não de aparências externas.

Essa verdade desafia uma das mais fortes tendências da nossa natureza caída. Os seres humanos naturalmente avaliam as pessoas por evidências visíveis. Somos influenciados por aparências, reputações, personalidades, emoções e opinião pública. Muitas vezes decidimos se confiamos em alguém em questão de instantes ao conhecê-lo. Às vezes admiramos indivíduos simplesmente porque falam com confiança ou possuem talentos impressionantes. Outras vezes, silenciosamente nos afastamos de pessoas por causa de sua aparência, de seu histórico ou das opiniões que ouvimos de outros. Sem perceber, nos tornamos juízes das aparências externas muito antes de conhecer a condição do coração de uma pessoa.

Jesus se recusou constantemente a viver dessa forma. Ao longo de Seu ministério, Ele repetidamente via o que ninguém mais conseguia ver. Quando Natanael se aproximou dEle, Jesus imediatamente reconheceu um coração honesto escondido sob o ceticismo. “Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!” (João 1:47). Quando todos os outros viam um cobrador de impostos desprezado subindo em uma figueira brava, Jesus via um homem cujo coração tinha fome de verdade. Em vez de condenar Zaqueu, Ele Se convidou para a casa dele, sabendo que um único encontro com a graça realizaria o que anos de rejeição pública jamais conseguiriam. Da mesma forma, quando a mulher flagrada em adultério foi lançada diante dEle por líderes religiosos exigindo julgamento, Jesus viu mais do que o seu pecado. Ele viu uma alma capaz de arrependimento e restauração. Suas famosas palavras, “Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais” (João 8:11), demonstram santidade e misericórdia perfeitamente unidas.

Os líderes religiosos, no entanto, operavam de maneira muito diferente. Suas conclusões eram quase sempre baseadas na aparência. Criticavam Jesus por comer com pecadores porque as aparências sugeriam compromisso com o pecado. Rejeitavam Seus milagres porque as aparências desafiavam suas tradições. Desprezavam Seus discípulos porque as aparências não correspondiam às suas expectativas de grandeza religiosa. Ironicamente, embora se considerassem especialistas em assuntos espirituais, falharam completamente em reconhecer o Filho de Deus diante deles. Sua incapacidade de discernir Cristo não foi causada pela falta de conhecimento, mas pela dependência da avaliação externa, em vez da percepção espiritual.

Samuel viveu uma lição semelhante séculos antes, quando estava diante dos filhos de Jessé procurando o próximo rei de Israel. Eliabe possuía a altura, a força e a aparência de um líder, e Samuel imediatamente presumiu que ele devia ser a escolha de Deus. No entanto, o Senhor interrompeu seu raciocínio ao declarar: “Não atentes para a sua aparência, nem para a altura da sua estatura... porque o

Senhor não vê como o homem vê” (1 Samuel 16:7). Davi, o filho mais novo, foi ignorado por todos, exceto por Deus. Enquanto outros avaliavam a estatura física, Deus avaliava o caráter espiritual. Esse princípio nunca mudou. O céu continua olhando além do que impressiona a humanidade.

O Pastor destacou uma aplicação profundamente necessária na Igreja hoje: um crente cheio do Espírito jamais deveria ser governado pelas primeiras impressões. Essa afirmação merece uma reflexão cuidadosa. Muitos relacionamentos foram prejudicados porque as pessoas formaram conclusões rápido demais. Às vezes decidimos que não gostamos de alguém antes mesmo de falar com essa pessoa, por causa de algo que ouvimos. Outras vezes permitimos que as redes sociais, os boatos ou as opiniões de terceiros moldem a nossa percepção de indivíduos que nunca conhecemos de verdade. A profecia de Isaías nos lembra de que esse jamais foi o espírito de Cristo. Se Jesus se recusou a julgar segundo o que Seus olhos naturais viam ou Seus ouvidos escutavam, quanto mais nós deveríamos exercer cautela antes de formar opiniões sobre os outros?

Essa lição se torna especialmente significativa quando voltamos a Bartimeu. Todos que passavam por Jericó viam a mesma coisa — um mendigo cego, envolto em uma capa, sentado à beira do caminho. A maioria das pessoas passava por ele porque as aparências sugeriam que nada jamais mudaria. Para a multidão, Bartimeu representava mais um homem esquecido, dependente da caridade. Jesus, porém, viu algo totalmente diferente. Ele não viu apenas um homem cego; Ele viu um crente cuja fé era maior do que o desânimo ao seu redor. Enquanto a multidão tentava silenciar Bartimeu, Jesus parou e o chamou para perto. A diferença não estava em Bartimeu; a diferença estava na forma como ele era percebido.

Da mesma forma, o próprio Bartimeu enfrentou a tentação de julgar pelo que ouvia. A multidão o repreendia e exigia que ele ficasse em silêncio. Toda voz ao seu redor sugeria que ele era indigno da atenção de Jesus. Se Bartimeu tivesse aceitado o julgamento da multidão, teria permanecido à beira do caminho para sempre. Em vez disso, ele se recusou a permitir que as opiniões alheias se tornassem a autoridade sobre o seu futuro. Ele gritou ainda mais alto, porque compreendia algo que a multidão não entendia: a voz de Cristo carregava mais autoridade do que a crítica das pessoas. A fé o capacitou a ouvir além do ruído da rejeição e a responder ao convite da graça.

Esse princípio permanece essencial para os crentes hoje. Não podemos nos permitir tornar prisioneiros da opinião pública. A cultura moderna pressiona constantemente as pessoas a aceitarem tudo o que a maioria acredita. Manchetes de notícias, tendências das redes sociais e vozes populares muitas vezes moldam percepções muito antes de os fatos serem conhecidos. Mas o discípulo de Jesus é chamado a um padrão mais elevado. Em vez de reagir às aparências, somos chamados a buscar a mente de Cristo. Em vez de abraçar todo boato, somos ordenados a testar tudo pela Escritura. Em vez de julgar precipitadamente, somos instruídos a permitir que o amor, a verdade e o Espírito Santo governem as nossas conclusões.

O apóstolo Paulo capta isso lindamente quando escreve: “De sorte que, doravante, a ninguém conhecemos segundo a carne” (2 Coríntios 5:16). Em Cristo, os crentes aprendem a ver as pessoas através das lentes da redenção, e não da reputação. Reconhecemos que toda pessoa que encontramos é alguém por quem Cristo morreu. O viciado pode se tornar um pregador. O cético pode se tornar um

evangelista. A família despedaçada pode se tornar um testemunho do poder restaurador de Deus. O discernimento se recusa a aprisionar as pessoas dentro de sua condição presente, porque compreende que a graça de Deus é sempre capaz de escrever um final diferente.

Quando começamos a ver as pessoas como Jesus as vê, os nossos relacionamentos mudam. O orgulho dá lugar à humildade. A crítica dá lugar à compaixão. As suposições dão lugar à paciência. Em vez de perguntar “O que eu vejo?”, começamos a perguntar “Senhor, o que Tu vês?”. Essa única pergunta transforma a forma como enxergamos nossas famílias, nossas igrejas, nossas comunidades e até a nós mesmos. O verdadeiro discernimento não apenas expõe o que é visível; ele aprende a reconhecer a obra de Deus que muitas vezes está escondida sob a superfície. Como o nosso Salvador, nos tornamos pessoas que se recusam a julgar apenas pelo que os olhos observam ou os ouvidos recebem, escolhendo, em vez disso, andar segundo a sabedoria que vem do alto.

CLOAKED

PARTE

O TEMOR DO SENHOR É O FUNDAMENTO DO DISCERNIMENTO

06

À medida que Isaías continua descrevendo o caráter do Messias vindouro, ele revela algo que frequentemente surpreende os leitores modernos. Antes de falar sobre a sabedoria, o juízo ou o discernimento de Jesus, Isaías enfatiza repetidamente o temor do Senhor. Ele escreve: “E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-se-á no temor do Senhor” (Isaías 11:2-3). Em outras palavras, o discernimento não começa com a inteligência ou a experiência; começa com a reverência. A capacidade de julgar corretamente está enraizada num coração que primeiro se curva humildemente diante de Deus.

A Bíblia apresenta essa verdade de forma consistente do início ao fim. Salomão declarou: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Provérbios 9:10). Ele não disse que era apenas um ingrediente entre muitos; ele o chamou de princípio. Toda outra forma de sabedoria precisa se apoiar sobre esse fundamento. Uma pessoa pode possuir uma educação notável, anos de experiência ministerial ou uma habilidade natural extraordinária, mas ainda assim carecer de verdadeiro discernimento se não possuir, antes de tudo, uma reverência profunda por Deus. O temor do Senhor não é um espírito de terror que nos faz fugir de Deus. Pelo contrário, é uma consciência santa da Sua majestade que nos leva a submeter cada pensamento, opinião e desejo à Sua autoridade. É o reconhecimento de que o juízo dEle é infinitamente mais confiável do que o nosso.

É exatamente por isso que o Pastor ensinou que o discernimento começa quando desejamos o juízo de Deus mais do que o nosso próprio. Essa afirmação atinge diretamente o coração do orgulho humano. Nossa tendência natural é confiar em nós mesmos. Presumimos que a nossa perspectiva é precisa, que as nossas conclusões são justas e que os nossos instintos são confiáveis. No entanto, a Palavra de Deus repetidamente nos adverte contra essa confiança. Provérbios 3:5-6 nos instrui: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” O maior obstáculo ao discernimento muitas vezes não é a ignorância, mas a autoconfiança. Quando nos convencemos de que as nossas próprias conclusões estão sempre corretas, deixamos pouco espaço para que Deus corrija o nosso pensamento.

O temor do Senhor produz humildade porque continuamente nos lembra de que não vemos tudo o que Deus vê. O nosso conhecimento é limitado, as nossas emoções são imperfeitas, e as nossas experiências frequentemente influenciam nossos julgamentos mais do que percebemos. Somente Deus possui entendimento completo. Isaías mais adiante nos lembra: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor” (Isaías 55:8). Toda vez que reconhecemos essa verdade, a humildade cresce dentro de nós. O discernimento floresce onde há humildade, porque as pessoas humildes permanecem ensináveis. Elas estão dispostas a parar, orar, buscar aconselhamento e esperar no Senhor antes de chegar a conclusões.

Essa atitude pode ser vista lindamente na vida do rei Salomão. Quando Deus apareceu a ele e lhe ofereceu tudo o que desejasse, Salomão poderia ter pedido poder militar, riqueza, longevidade ou vitória sobre seus inimigos. Em vez disso, ele orou: “Dá, pois, ao teu servo um coração entendido, para julgar a teu povo, e para discernir entre o bem e o mal” (1 Reis 3:9). Salomão entendeu que a liderança sem

discernimento se torna perigosa. Mais importante ainda, ele reconheceu que o discernimento não podia ser fabricado apenas pelo intelecto humano. Precisava ser recebido de Deus. Seu pedido agradou ao Senhor porque refletia um coração mais interessado em servir fielmente do que em se promover.

Essa mesma atitude deveria caracterizar todo crente. Em vez de pedir a Deus que confirme as nossas opiniões, deveríamos pedir que Ele as transforme. Em vez de orar: “Senhor, prova que estou certo”, a nossa oração deveria se tornar: “Senhor, revela onde estou errado.” Essa é a linguagem de alguém que teme a Deus. A reverência substitui a autodefesa pela ensinabilidade. Ela valoriza a verdade acima do orgulho pessoal. Deseja obediência mais do que vindicação. Um coração assim se torna terreno fértil para o verdadeiro discernimento espiritual, porque está disposto a se render sempre que a Escritura expõe áreas que precisam de correção.

O Pastor também alertou contra um perigo sutil que frequentemente acompanha as discussões sobre discernimento — a tentação de buscar discernimento para se sentir espiritualmente superior. Algumas pessoas desejam discernimento porque gostam de expor as falhas dos outros. Querem identificar motivos ocultos, descobrir fracassos ou demonstrar que possuem um insight espiritual especial. No entanto, esse espírito tem pouca semelhança com Cristo. Jesus nunca exerceu discernimento para se exaltar ou humilhar pessoas. Cada ato do Seu discernimento serviu aos propósitos da redenção, da restauração e da verdade. Quando o discernimento se torna fonte de orgulho, ele já deixou de ser discernimento bíblico.

Os dons do Espírito ilustram claramente esse princípio. O Espírito Santo distribui dons segundo a Sua vontade, mas todo dom tem a intenção de glorificar a Cristo, e não o indivíduo que o recebe. Paulo lembra aos coríntios que os dons espirituais são dados “para o que for útil” (1 Coríntios 12:7) — isto é, para o benefício de todo o corpo de Cristo. Uma palavra profética, uma palavra de sabedoria ou o discernimento de espíritos jamais é um distintivo de status espiritual. É uma mordomia sagrada, confiada a servos humildes que reconhecem que todo dom pertence somente a Deus. Sempre que a humildade desaparece, os dons espirituais se distorcem pelo orgulho humano.

O temor do Senhor nos protege desse perigo porque continuamente redireciona nossa atenção de volta para Deus. Um coração reverente não está fascinado em parecer espiritual; está consumido em agradecer ao Senhor. Ele não busca discernimento para impressionar os outros, mas para obedecer mais fielmente. Um crente assim entende que a maior evidência de maturidade não é quanto conhecimento oculto ele possui, mas quão fielmente ele caminha em simples obediência à Palavra de Deus. A reverência mantém o discernimento puro, porque nos lembra constantemente de que todo insight que recebemos é um dom da graça, e não um motivo para autoexaltação.

No fim das contas, o temor do Senhor produz uma vida que permanece sensível à voz de Deus, porque nunca perde de vista a santidade de Deus. Ele nos ensina a abordar cada decisão, cada relacionamento e cada oportunidade com dependência em oração, em vez de confiança imprudente. Em vez de presumir que já sabemos a resposta, paramos tempo suficiente para perguntar: “Senhor, o que Tu desejas?”. Essa pergunta se torna o início da sabedoria, porque coloca a vontade de Deus acima da nossa. Quando a reverência governa o coração, o discernimento naturalmente a segue. Uma pessoa que verdadeiramente

teme a Deus já não confia mais no próprio julgamento acima de tudo o mais; em vez disso, ela se submete de bom grado a cada pensamento Àquele cuja sabedoria jamais falhou e cujos juízos são sempre justos.

PARTE

A PRIMEIRA PESSOA QUE DEVEMOS DISCERNIR SOMOS NÓS MESMOS

07 CLOAKED

Um dos aspectos mais negligenciados do discernimento espiritual é que o seu propósito primário não é expor as fraquezas dos outros, mas revelar a verdadeira condição do nosso próprio coração. Muitas pessoas associam discernimento a identificar falsa doutrina, reconhecer engano ou avaliar os motivos daqueles ao seu redor. Embora o discernimento certamente inclua essas responsabilidades, o Pastor nos lembrou que a Escritura consistentemente nos aponta primeiro para outra direção. Antes de o discernimento se voltar para fora, ele precisa primeiro se voltar para dentro. A primeira pessoa que todo crente precisa aprender a discernir é a si mesmo.

Essa verdade permeia toda a Bíblia. Davi, um homem segundo o coração de Deus, não orou: “Senhor, mostra-me os problemas de todos os outros.” Em vez disso, ele orou uma das orações mais humilhantes já registradas: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno” (Salmo 139:23-24). Davi entendia que o maior perigo para o seu andar com Deus nem sempre eram os inimigos ao seu redor, mas a condição do seu próprio coração. Ele reconhecia que, sem a luz penetrante de Deus, motivos ocultos, orgulho, medo e autoengano poderiam crescer silenciosamente sob a superfície, permanecendo completamente despercebidos.

O profeta Jeremias reforça essa realidade tão sóbria quando escreve: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente perverso; quem o conhecerá?” (Jeremias 17:9). Poucos versículos são mais desafiadores para o orgulho humano do que este. Nosso próprio coração é capaz de nos convencer de que motivos errados são justos, de que ambições egoístas são desejos espirituais e de que reações emocionais são, na verdade, a condução de Deus. Entregues a nós mesmos, muitas vezes nos tornamos maus juízes de nossa própria condição, porque o coração naturalmente busca se justificar. É por isso que o discernimento começa com humildade. Precisamos reconhecer que somos capazes de entender mal os nossos próprios motivos, a menos que Deus graciosamente os revele.

Ao longo das Escrituras encontramos exemplos de indivíduos que possuíam um conhecimento espiritual impressionante ao mesmo tempo em que permaneciam cegos à própria condição. Os fariseus conseguiam identificar com precisão os pecados dos outros, mas falharam completamente em reconhecer a própria hipocrisia. Jesus repetidamente expôs essa contradição, perguntando: “E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho?” (Mateus 7:3). Sua ilustração é inesquecível. Um homem tentando remover um pequeno cisco do olho de outra pessoa enquanto carrega uma grande trave na própria visão não consegue enxergar com clareza. O problema não era que a correção fosse desnecessária, mas que o autoexame precisa sempre vir primeiro. Somente corações que foram humilhados diante de Deus são capazes de ajudar os outros com graça e sabedoria.

Esse princípio transforma a maneira como nos aproximamos da oração. Em vez de pedir constantemente a Deus que exponha os fracassos de todos os outros, os crentes maduros começam a fazer perguntas muito mais profundas. Por que aquela situação me ofendeu tão rapidamente? Por que reajo continuamente com medo, em vez de fé? Por que anseio por reconhecimento? Por que a correção me deixa desconfortável? Por que resisto a certas convicções bíblicas enquanto abraço outras? Essas não

são meramente perguntas psicológicas; são perguntas espirituais. Elas convidam o Espírito Santo a revelar áreas ocultas onde a transformação ainda é necessária.

O Pastor nos desafiou com outra distinção importante, perguntando se o que estamos chamando de discernimento às vezes não passa de nossas próprias feridas falando. Essa é uma pergunta que todo crente deveria considerar em oração. Uma pessoa que sofreu traição pode começar a desconfiar de todos ao seu redor. Alguém que sofreu rejeição pode interpretar todo desacordo como abandono pessoal. Decepções anteriores podem nos fazer esperar o fracasso antes mesmo de Deus começar a agir. Sem perceber, começamos a filtrar as circunstâncias presentes através de dores não resolvidas do passado. O que parece discernimento pode, na verdade, ser uma mágoa não resolvida buscando confirmação.

O apóstolo Paulo nos dá um excelente exemplo de como o aut discernimento funciona na prática. Escrevendo aos coríntios, ele instrui os crentes: “Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos” (2 Coríntios 13:5). Note que Paulo não começa dizendo para eles se examinarem uns aos outros. Ele coloca a responsabilidade em cada indivíduo, para que avalie honestamente a sua própria condição espiritual. A maturidade espiritual é marcada pela disposição de convidar o exame de Deus, em vez de examinar constantemente todos os outros. Os cristãos mais saudáveis são frequentemente aqueles que passam menos tempo criticando os outros, porque estão continuamente permitindo que o Espírito Santo refine o próprio coração.

Essa obra interior do discernimento também nos protege de interpretar mal a voz de Deus. Às vezes os crentes desejam sinceramente algo e se convencem de que Deus também deve desejá-lo. Em outros momentos, resistimos à direção de Deus porque a obediência ameaça o nosso conforto ou desafia as nossas preferências. O Pastor compartilhou de sua própria vida como se tornou difícil discernir a direção de Deus quando uma frustração não resolvida turvava a sua perspectiva. Não era que Deus tivesse parado de falar. Na verdade, as emoções internas estavam dificultando ouvir com clareza. Somente depois de confrontar honestamente sua própria atitude diante do Senhor, a direção de Deus se tornou inconfundível. Esse testemunho nos lembra de que a confusão espiritual nem sempre é causada pelo silêncio de Deus. Muitas vezes é causada pelo ruído dentro do nosso próprio coração.

O aut discernimento exige uma honestidade notável, porque nos pede que rendamos até mesmo as nossas suposições mais estimadas. Ele nos obriga a admitir que as nossas emoções nem sempre são confiáveis, que as nossas primeiras reações nem sempre são justas, e que os nossos desejos nem sempre estão alinhados com a vontade de Deus. No entanto, esse tipo de honestidade não tem a intenção de produzir condenação. Pelo contrário, ela abre a porta para a cura. Quando o Espírito Santo expõe motivos ocultos, Ele o faz como um Pai amoroso que deseja restauração, e não vergonha. A convicção sempre nos aponta para a liberdade, porque Deus nunca revela nosso coração apenas para nos envergonhar; Ele o revela para poder transformá-lo.

À medida que os crentes amadurecem, essa oração gradualmente se torna parte regular da vida diária: “Senhor, mostra-me a mim mesmo.” Antes de pedir a Deus que mude circunstâncias difíceis, começamos a pedir que Ele nos mude. Antes de orar para que os outros cresçam, oramos para que nós mesmos nos tornemos mais humildes, mais obedientes, mais pacientes e mais semelhantes a Cristo. Essa é a obra do

verdadeiro discernimento. Ela lança a luz da Palavra de Deus sobre os lugares ocultos da alma, até que todo motivo, toda ambição, todo medo e todo desejo sejam trazidos à submissão a Cristo. Somente então estamos preparados para ver os outros através da mesma misericórdia e graça que Deus continuamente estendeu a nós. Pois o crente que aprende a discernir primeiro o próprio coração estará muito menos propenso a julgar os outros com dureza e muito mais propenso a refletir a compaixão e a sabedoria de Jesus Cristo.

PARTE

NEM TODA PORTA ABERTA VEM DE DEUS

08

Um dos maiores perigos que os crentes enfrentam é presumir que toda oportunidade é automaticamente a vontade de Deus, simplesmente porque parece ser boa. Frequentemente oramos por portas abertas, acreditando que, se algo se torna disponível, Deus deve estar nos direcionando para isso. No entanto, a Escritura repetidamente ensina que nem todo convite se origina em Deus. Algumas oportunidades são encontros divinos, enquanto outras são distrações cuidadosamente planejadas. A maturidade espiritual não se demonstra pela nossa capacidade de reconhecer que uma porta está aberta, mas pela nossa capacidade de discernir quem a abriu.

O Pastor ilustrou esse princípio por meio da experiência de Neemias. Depois de anos carregando o peso por Jerusalém, Neemias finalmente havia começado a reconstruir os muros da cidade. A obra progredia, o povo estava unido, e os inimigos ao redor de Jerusalém perceberam que já não podiam impedir o projeto apenas pela intimidação. Mudaram de estratégia. Em vez de atacar Neemias diretamente, tentaram atraí-lo para longe de sua tarefa. Convidaram-no repetidamente a se encontrar com eles sob circunstâncias que pareciam pacíficas. O convite parecia razoável. Soava diplomático. Até parecia oferecer uma oportunidade de resolver o conflito. Neemias, no entanto, reconheceu algo mais profundo do que o próprio convite.

A Escritura registra sua resposta com notável simplicidade: “Porque Deus não os tinha enviado” (Neemias 6:12). Essas poucas palavras revelam o coração do discernimento. Neemias não estava avaliando se o convite soava agradável; ele estava perguntando se Deus o havia enviado. A questão nunca foi se o encontro parecia benéfico. A verdadeira questão era se aceitar o convite o aproximaria do propósito de Deus ou o afastaria dele. O discernimento permitiu que Neemias reconhecesse que, por trás de uma oportunidade aparentemente inofensiva, havia uma tentativa de afastá-lo da obra que Deus lhe havia confiado.

Anteriormente, naquele mesmo capítulo, Neemias já havia respondido a seus inimigos com uma das afirmações mais poderosas de foco espiritual encontradas em toda a Escritura: “Eu ando fazendo uma grande obra, e não posso descer” (Neemias 6:3). Sua resposta não estava enraizada na arrogância, mas na clareza. Ele entendia sua tarefa. Porque sabia o que Deus o havia chamado a fazer, também sabia o que Deus não o havia chamado a fazer. Esse é um dos maiores benefícios do discernimento. Ele dá aos crentes a coragem de dizer não até mesmo a oportunidades que parecem atraentes, quando essas oportunidades os distrairiam de seu propósito divino.

Essa lição é extremamente relevante, porque Satanás frequentemente prefere a distração à oposição direta. Se a perseguição não consegue deter o povo de Deus, a distração frequentemente consegue. O inimigo entende que um crente não precisa abandonar Deus completamente para se tornar ineficaz. Às vezes tudo o que ele precisa fazer é ficar preocupado com coisas menores. Uma vida cheia de boas atividades ainda pode perder o melhor de Deus se essas atividades silenciosamente substituírem a missão que Ele deu. É por isso que o discernimento não é simplesmente a capacidade de distinguir entre o bem e o mal. Muitas vezes, é a capacidade de distinguir entre o bom e o melhor, entre o que é meramente permitido e o que é realmente proveitoso para o Reino de Deus.

O apóstolo Paulo expressou esse princípio quando escreveu: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm” (1 Coríntios 6:12). Paulo estava ensinando que nem toda atividade permitida é benéfica. Crentes maduros fazem perguntas mais profundas do que simplesmente: “Isso é pecado?” Eles começam a perguntar: “Isso fortalecerá o meu relacionamento com Cristo? Isso me ajudará a cumprir o meu chamado? Isso me aproximará do propósito de Deus, ou consumirá silenciosamente o tempo, a energia e a atenção que pertencem a Ele?” Essas perguntas refletem um coração que valoriza a tarefa dada por Deus acima da conveniência pessoal.

Essa verdade também explica por que Hebreus incentiva os crentes a deixarem de lado não apenas o pecado, mas também os fardos desnecessários. O escritor declara: “Deixemos todo o peso, e o pecado que tão de perto nos rodeia” (Hebreus 12:1). Note que o versículo distingue entre pesos e pecados. O pecado é sempre errado, mas os pesos são, muitas vezes, diferentes. Um peso pode não ser inerentemente pecaminoso, mas ainda assim retarda o progresso espiritual. Ele ocupa espaço em nossas vidas que deveria pertencer a Deus. Consome energia emocional que poderia ter sido investida em outro lugar. O discernimento nos permite reconhecer quando algo que uma vez pareceu inofensivo gradualmente se tornou um obstáculo ao crescimento espiritual.

Esse princípio vai muito além das decisões óbvias da vida. Todos os dias, os crentes enfrentam inúmeros convites que exigem discernimento. Alguns convites envolvem relacionamentos que lentamente afastam o coração de Cristo. Outros envolvem compromissos que consomem tanto tempo que deixam pouco espaço para oração, adoração e a Palavra de Deus. Algumas oportunidades prometem sucesso financeiro, mas exigem compromisso espiritual. Outras apelam ao nosso orgulho, oferecendo reconhecimento, influência ou aplausos, enquanto silenciosamente nos tentam a buscar a nossa própria glória, em vez da glória de Deus. Nenhuma dessas escolhas pode ser avaliada apenas pela aparência externa. Elas precisam ser medidas em relação ao chamado que Deus colocou sobre a nossa vida.

O Pastor também nos lembrou que a urgência nem sempre é uma indicação da direção de Deus. O inimigo frequentemente cria um falso senso de imediatismo, convencendo as pessoas de que precisam decidir rapidamente antes de buscar o Senhor. No entanto, ao longo das Escrituras, a direção de Deus consistentemente produz paz, e não pânico. Tiago descreve “a sabedoria que vem do alto” como sendo “primeiramente pura, depois pacífica” (Tiago 3:17). Embora a obediência nunca deva ser adiada uma vez que a vontade de Deus é conhecida, o discernimento se recusa a ser manipulado pela pressão. Ele espera o tempo suficiente para fazer a pergunta mais importante: “Senhor, esse convite veio de Ti?”

O próprio Jesus modelou esse princípio perfeitamente. Ao longo de Seu ministério terreno, inúmeras pessoas tentaram redirecionar Sua atenção. Multidões queriam que Ele se tornasse um líder político. Outros queriam que Ele permanecesse em cidades onde milagres já haviam acontecido. Até Pedro certa vez tentou persuadi-LO a evitar a cruz. No entanto, Jesus permaneceu inabalável, porque vivia com uma clara consciência do propósito de Seu Pai. Cada decisão era governada por um compromisso predominante: “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma... porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou” (João 5:30). Sua vida demonstra que o discernimento é, em última análise, sobre fidelidade à tarefa de Deus, e não sobre responder a toda oportunidade.

Todo crente eventualmente precisa aprender essa lição. Sempre haverá mais convites do que tarefas, mais oportunidades do que chamados, e mais vozes do que a voz de Deus. O discernimento nos ensina que não podemos perseguir tudo simplesmente porque parece benéfico. Às vezes, a decisão mais santa que podemos tomar é permanecer onde Deus nos colocou. Como Neemias, precisamos ser capazes de dizer: “Eu ando fazendo uma grande obra, e não posso descer.” Um coração ancorado no propósito de Deus não se deixará distrair facilmente por toda porta aberta, porque aprendeu que as maiores oportunidades não são aquelas que simplesmente se tornam disponíveis, mas aquelas que são inconfundivelmente enviadas por Deus.

PARTE

QUANDO A CAPA SE TORNA A SUA IDENTIDADE

09

À medida que a história de Bartimeu chega ao seu clímax, Marcos registra uma das ações mais despercebidas, porém mais significativas, de toda a narrativa. Antes mesmo de Bartimeu estar diante de Jesus, a Escritura nos diz: “E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus” (Marcos 10:50). À primeira vista, isso pode parecer nada mais do que um detalhe desnecessário. Afinal, que diferença faz uma veste se o verdadeiro milagre é a restauração da visão? No entanto, o Espírito Santo preservou intencionalmente esse momento, porque a capa representava algo muito maior do que uma roupa. Ela representava uma identidade que Bartimeu já não podia levar consigo à presença de Cristo.

Na cultura daquele tempo, a capa de um mendigo era mais do que proteção contra o clima. Ela identificava o indivíduo como alguém que dependia da generosidade dos outros. Comunicava o seu lugar na sociedade antes mesmo de ele pronunciar uma única palavra. As pessoas reconheciam a veste e imediatamente entendiam a sua condição. Aquela capa havia se tornado o seu sustento, a sua segurança e a sua identidade pública. Era o símbolo de tudo o que a sua vida havia sido. Enquanto a usasse, todos sabiam exatamente quem se esperava que ele fosse.

No entanto, no momento em que Jesus chamou o seu nome, Bartimeu fez algo extraordinário. Ele a jogou fora antes mesmo de saber se receberia o seu milagre. Essa decisão foi um ato de fé notável. Ele não esperou até depois de poder enxergar. Ele abandonou a identidade de mendigo antes de possuir qualquer evidência de que as suas circunstâncias haviam mudado. Suas ações declararam que a voz de Jesus carregava mais autoridade do que a identidade que ele havia carregado por anos. A fé o capacitou a deixar para trás aquilo que o definia, porque ele acreditava que Cristo estava prestes a redefini-lo.

Esse princípio vai muito além de Bartimeu. Todo crente possui capas espirituais que precisam, eventualmente, ser descartadas. Essas capas não são vestes físicas, mas identidades profundamente enraizadas, formadas por anos de experiências dolorosas, decepções, medos e fracassos. Alguns usam a capa da rejeição, porque passaram anos acreditando que não são desejados. Outros usam a capa da insegurança, convencidos de que nunca estarão à altura. Alguns continuam carregando culpa por pecados que Cristo já perdoou. Outros permanecem envoltos em amargura, porque não conseguem soltar as feridas do passado. E outros ainda usam a capa do desempenho religioso, acreditando que o seu valor depende inteiramente do que realizam, e não de quem são em Cristo. Embora essas identidades sejam diferentes, todas produzem o mesmo resultado — mantêm as pessoas sentadas à beira do caminho, em vez de caminhando com Jesus.

O inimigo compreende o poder da identidade. Se ele não consegue impedir a salvação, tentará impedir a transformação. Ele sabe que os crentes que continuam pensando como cativos raramente viverão como filhos e filhas de Deus. É por isso que ele constantemente lembra as pessoas do seu passado, enquanto Deus continuamente as aponta para o seu futuro. Satanás diz: “Você é o que você fez.” Cristo diz: “Você é quem Eu chamei você para se tornar.” Essas duas vozes produzem vidas completamente diferentes.

O apóstolo Paulo compreendia bem essa batalha. Escrevendo aos crentes efésios, ele os exortou “a que, quanto ao procedimento anterior, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano... e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos vistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:22-24). Note a

linguagem de Paulo. A salvação envolve tanto despojar-se quanto revestir-se. A vida cristã não é meramente adicionar Cristo a uma identidade antiga; é deixar de lado a identidade antiga por completo e abraçar a nova vida criada por Deus. Foi exatamente isso que Bartimeu demonstrou. Antes de se dirigir a Jesus, ele primeiro soltou aquilo que pertencia à sua vida anterior.

Um dos maiores desafios que os crentes enfrentam é distinguir entre aquilo que uma vez os protegeu e aquilo que agora os impede de crescer. O Pastor fez uma observação poderosa ao explicar que aquilo que ajudou você a sobreviver a uma temporada pode atrapalhá-lo na próxima. Existem hábitos, mentalidades e defesas emocionais que podem ter se desenvolvido durante tempos difíceis. Talvez tenham oferecido proteção temporária durante temporadas de dor, rejeição ou incerteza. No entanto, quando Deus começa a nos conduzir à cura, essas mesmas defesas frequentemente se tornam obstáculos. Muros que antes protegiam o coração acabam por aprisioná-lo. O medo que antes parecia oferecer segurança acaba nos impedindo de confiar plenamente em Deus. O discernimento nos ajuda a reconhecer quando o mecanismo de sobrevivência de ontem se tornou a limitação espiritual de hoje.

A nação de Israel ilustra esse princípio vividamente. Embora Deus os tenha libertado do Egito numa única noite, o Egito continuou vivendo dentro dos seus corações. Repetidas vezes desejaram voltar ao lugar onde antes haviam sido escravos, porque a escravidão havia se tornado familiar. A liberdade parecia desconfortável simplesmente por ser desconhecida. A sua maior luta já não era sair fisicamente do Egito, mas permitir que o Egito saísse espiritualmente deles. Da mesma forma, muitos crentes experimentaram uma conversão genuína, mas ainda carregam identidades antigas que pertencem a uma vida que Cristo já redimiu.

É por isso que Paulo repetidamente lembra os crentes de quem eles agora são em Cristo. Somos chamados filhos de Deus (1 João 3:1), geração eleita, sacerdócio real, nação santa (1 Pedro 2:9), e herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Cristo (Romanos 8:17). Essas declarações não são slogans motivacionais; são realidades espirituais. No entanto, até que as creiamos, continuaremos vivendo abaixo de identidades que Deus já removeu. Bartimeu não podia continuar se aproximando de Jesus vestido como se o seu futuro dependesse de mendigar. No momento em que Cristo o chamou, sua antiga identidade já não cabia na vida que ele estava prestes a receber.

Todo discípulo, eventualmente, chega a essa mesma encruzilhada. Jesus continuamente nos chama a render identidades que já não nos pertencem. Às vezes Ele nos pede para deixar de lado o medo. Outras vezes Ele nos pede para soltar a amargura, a vergonha, o orgulho, a autossuficiência ou a aprovação das pessoas. Seja qual for a capa, não podemos abraçar plenamente a nossa nova identidade enquanto nos apegamos à antiga. Cristo jamais teve a intenção de que Seus seguidores carregassem vestes que Ele já declarou desnecessárias.

Bartimeu nos ensina que a fé não é apenas crer que Deus pode realizar um milagre. A fé é responder à Sua voz antes que o milagre se torne visível. Muito antes de seus olhos serem abertos, o coração de Bartimeu já havia mudado. Ele se levantou, jogou fora a capa e caminhou em direção a Jesus, acreditando que Aquele que o havia chamado não o deixaria inalterado. Todo crente precisa tomar a mesma decisão. Chega um momento em que precisamos parar de nos identificar pelas nossas feridas,

pelos nossos fracassos, pelo nosso passado ou pelos nossos medos, e começar a abraçar a identidade que Cristo comprou por meio da Sua graça. Só então descobrimos que a capa que pensávamos precisar era, na verdade, a própria coisa que nos impedia de caminhar rumo à plenitude do propósito de Deus.

CLOAKED

PARTE

**O AMOR E O DISCERNIMENTO DEVEM CAMINHAR
JUNTOS**

10

Ao concluir a oração de abertura de sua carta aos Filipenses, Paulo revela um dos mais belos equilíbrios encontrados em toda a Escritura. Em vez de orar apenas para que a igreja crescesse em conhecimento, ou apenas para que crescesse em amor, ele une as duas coisas, escrevendo: “E isto peço em oração: que o vosso amor aumente mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum, até ao dia de Cristo” (Filipenses 1:9-10). Paulo compreendia algo que todo crente maduro precisa aprender: o amor sem discernimento se torna perigoso, mas o discernimento sem amor se torna destrutivo. O Espírito Santo jamais teve a intenção de que essas duas virtudes competissem entre si. Elas foram projetadas para trabalhar juntas.

Muitas pessoas acreditam que o amor exige ignorar tudo, enquanto outras acreditam que o discernimento exige confrontar tudo. A Escritura não ensina nenhum dos dois extremos. O amor genuíno nunca é cego, e o verdadeiro discernimento nunca é frio. O amor vê as falhas, mas escolhe a restauração. O discernimento reconhece o perigo, mas nunca perde a compaixão. Quando qualquer uma dessas qualidades é separada da outra, o desequilíbrio espiritual logo se instala. O amor sem verdade acaba tolerando aquilo que Deus deseja transformar, enquanto a verdade sem amor fere justamente as pessoas que Cristo veio salvar.

Jesus demonstrou perfeitamente esse equilíbrio ao longo de Seu ministério. Considere o Seu encontro com a mulher flagrada em adultério. Os líderes religiosos queriam justiça sem misericórdia. Identificaram corretamente o pecado dela, mas ignoraram completamente o próprio. Jesus, porém, nem desculpou o comportamento dela, nem a condenou como além da redenção. Depois de silenciar os seus acusadores, Ele gentilmente lhe disse: “Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais” (João 8:11). O Seu amor se recusou a destruí-la, mas o Seu discernimento se recusou a ignorar o pecado dela. A misericórdia e a santidade caminharam juntas perfeitamente, porque ambas fluíam do coração de Deus.

O mesmo equilíbrio aparece repetidamente na vida de Cristo. Ele acolhia pecadores enquanto confrontava a hipocrisia. Estendia graça aos quebrantados enquanto falava com firmeza aos orgulhosos. Ele abraçava aqueles que sinceramente O buscavam enquanto expunha o engano onde quer que aparecesse. Sua compaixão nunca enfraqueceu Suas convicções, e Suas convicções nunca diminuíram Sua compaixão. É isso que a maturidade espiritual parece. Ela se recusa a sacrificar a verdade em troca da aceitação, mas também se recusa a transformar a verdade em arma contra pessoas que desesperadamente precisam de graça.

O Pastor expressou esse princípio com notável clareza. Ele explicou que o amor sem discernimento se torna cumplicidade, enquanto o discernimento sem amor se torna crueldade. Essas duas afirmações resumem inúmeros fracassos relacionais, tanto nas igrejas quanto nas famílias. Pais às vezes desculpam comportamentos destrutivos porque confundem amor incondicional com aprovação incondicional. Amigos podem ignorar perigos espirituais óbvios porque temem conversas difíceis. Por outro lado, alguns crentes se tornam tão focados em identificar o erro que se esquecem de que o propósito da verdade é sempre a restauração. Tornam-se especialistas em expor fraqueza, esquecendo que Cristo veio “cheio de graça e de verdade” (João 1:14), nunca uma sem a outra.

A oração de Paulo também revela que o discernimento não se limita a distinguir o bem do mal. Ele ora para que os crentes “aprovem as coisas excelentes”. Em outras palavras, a maturidade não é apenas evitar o que é pecaminoso. É aprender a buscar o que é melhor. Muitas decisões que os cristãos enfrentam envolvem escolher entre duas boas opções, e não entre o certo e o errado. O discernimento pergunta: Qual decisão mais glorifica a Deus? Qual oportunidade mais avança o Seu Reino? Qual resposta mais reflete o caráter de Cristo? O amor nos motiva a buscar o bem dos outros, enquanto o discernimento nos ajuda a reconhecer o caminho mais sábio rumo a esse objetivo.

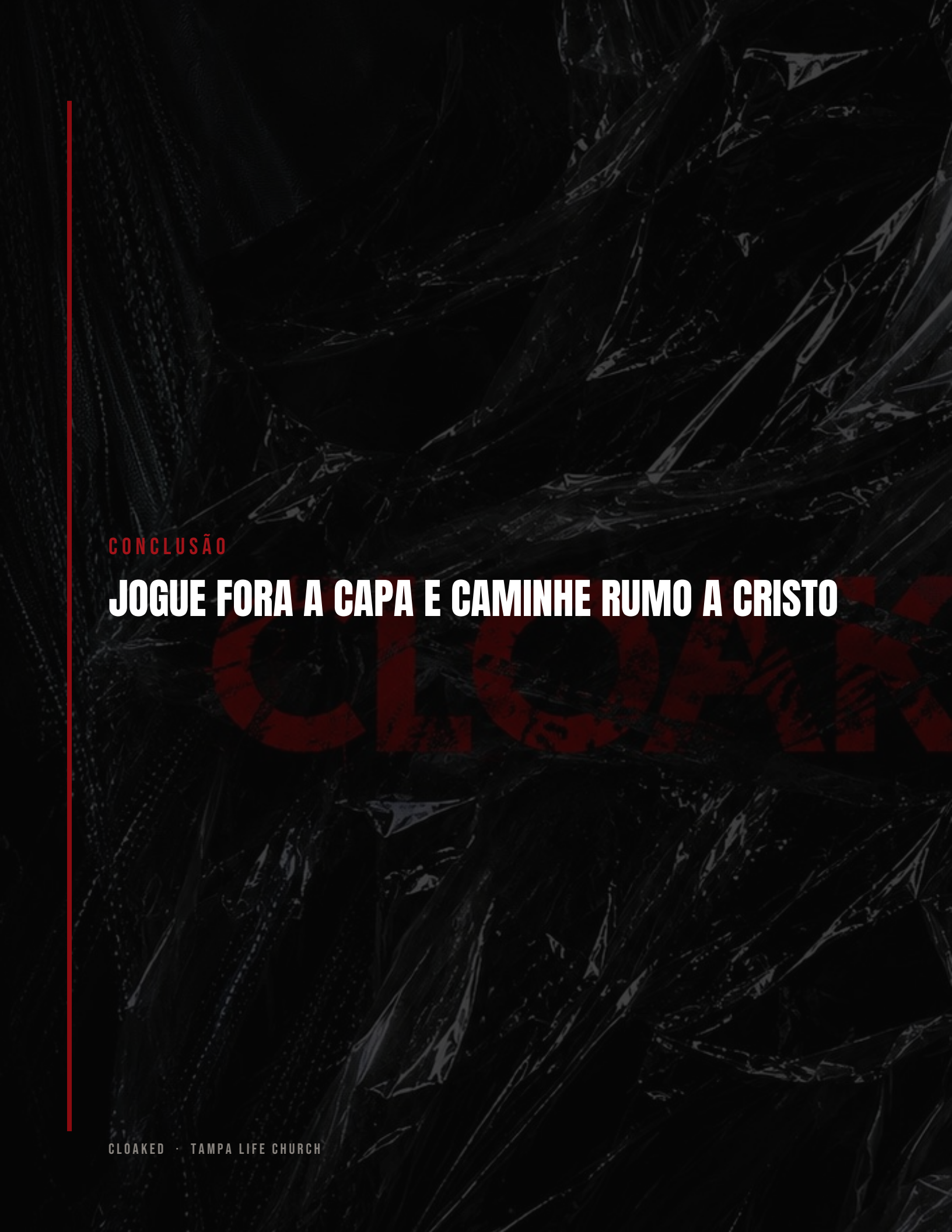
Tiago descreve ainda mais detalhadamente o que a sabedoria governada pelo amor realmente parece. Ele escreve: “Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia” (Tiago 3:17). Esse versículo serve como um teste espiritual para tudo o que afirmamos ser sabedoria ou discernimento. Se aquilo que chamamos de discernimento produz arrogância, aspereza, divisão, orgulho ou uma falta de disposição para ouvir, Tiago diz que não veio do alto. A sabedoria celestial sempre reflete o caráter de sua origem. É pura, porque Deus é santo. É pacífica, porque Cristo é o Príncipe da Paz. É moderada, porque o Bom Pastor trata as Suas ovelhas com ternura. É cheia de misericórdia, porque cada um de nós vive diariamente pela misericórdia de Deus.

Essas características também revelam por que o discernimento deve sempre ser exercido com humildade. Um crente que verdadeiramente possui a sabedoria de Deus não sente prazer em provar que os outros estão errados. Ele não se alegra quando o fracasso de alguém confirma as suas suspeitas. Em vez disso, seu coração se entristece com o pecado, porque compreende a dor que ele traz. Como Cristo, ele deseja mais o arrependimento do que a exposição, e mais a restauração do que a humilhação. Mesmo quando a correção se torna necessária, ela é oferecida com lágrimas, e não com triunfo. O objetivo nunca é vencer uma discussão, mas reconquistar um irmão ou uma irmã de volta ao Senhor.

Essa verdade se torna especialmente importante dentro do corpo de Cristo. As igrejas florescem quando os crentes se recusam a escolher entre o amor e o discernimento. O amor cria um ambiente onde as pessoas podem crescer honestamente, sem medo de rejeição. O discernimento protege esse ambiente do engano e do compromisso. Juntos, eles preservam tanto a pureza quanto a unidade do povo de Deus. Paulo instruiu os efésios a crescerem “falando a verdade em amor” (Efésios 4:15). A verdade dá direção ao amor, e o amor dá à verdade o seu devido espírito. Remova qualquer um dos dois, e a Igreja se torna doente.

No fim das contas, todo crente deveria perguntar se o fruto da sabedoria de Deus está se tornando cada vez mais visível na vida diária. Estamos nos tornando mais pacientes, mais misericordiosos, mais ensináveis e mais bondosos? Estamos aprendendo a equilibrar a convicção com a compaixão? Estamos tratando as pessoas da mesma forma que Cristo nos tratou? O Espírito Santo jamais produz discernimento que nos deixa mais frios, mais ásperos ou mais críticos. O verdadeiro discernimento sempre nos faz parecer mais com Jesus. Quanto mais próximos crescemos dEle, mais profundamente amamos as pessoas, permanecendo firmemente ancorados na verdade. Essa bela união entre amor e discernimento não é apenas uma qualidade desejável para cristãos maduros — é uma das evidências

mais claras de que a sabedoria do alto está verdadeiramente governando o nosso coração.



CONCLUSÃO

JOGUE FORA A CAPA E CAMINHE RUMO A CRISTO

A história de Bartimeu é muito mais do que o relato de um cego que recebeu a visão. É a história de todo crente que precisa decidir se continuará sendo definido pelo ontem ou se responderá hoje à voz de Jesus. A narrativa de Marcos começa com um homem sentado à beira do caminho, coberto por uma capa que representava tudo o que a sua vida havia se tornado. Ele era conhecido pela sua condição, limitado pelas suas circunstâncias e cercado por vozes que continuamente o lembravam de onde ele pertencia. No entanto, até o fim da história, tudo havia mudado — não simplesmente porque seus olhos foram abertos, mas porque ele respondeu ao chamado de Cristo com fé.

Ao longo desta lição, vimos que o milagre, na verdade, começou muito antes de Bartimeu estar diante de Jesus. Começou quando ele discerniu o significado do que ouvia. No meio de uma multidão barulhenta, ele reconheceu a única voz que importava. O discernimento lhe permitiu separar a oportunidade divina da distração comum. Enquanto todos os outros simplesmente viam mais uma multidão passando por Jericó, Bartimeu reconheceu que o próprio céu havia se aproximado. Seu milagre começou no momento em que ele entendeu que Jesus estava passando.

Também aprendemos que o discernimento não é uma habilidade reservada para algumas poucas pessoas excepcionalmente espirituais. Ele é desenvolvido por meio da intimidade diária com Deus. A oração, a obediência, o arrependimento, a Escritura, a correção e a humildade gradualmente treinam os nossos sentidos espirituais até que comecemos a reconhecer a diferença entre a voz de Deus e todas as outras vozes concorrentes ao nosso redor. Os crentes maduros não são aqueles que simplesmente possuem mais informação bíblica; são aqueles cujos corações foram moldados pela obediência contínua à Palavra de Deus.

Talvez uma das maiores lições deste estudo seja que o discernimento precisa primeiro ser direcionado para dentro, antes de ser direcionado para fora. A oração de Davi, “Sonda-me, ó Deus” (Salmo 139:23), nos lembra de que a verdadeira maturidade espiritual começa com um autoexame honesto. Antes de pedir a Deus que revele os motivos de todos os outros, precisamos permitir que Ele revele os nossos. O orgulho, o medo, as feridas não resolvidas, a ambição, a insegurança e as preferências pessoais podem distorcer a nossa visão espiritual se permanecerem escondidos sob a superfície. Somente quando o Espírito Santo sonda o nosso coração é que somos capazes de ver os outros com clareza, misericórdia e sabedoria.

A lição de Neemias também nos lembra que nem toda oportunidade é a oportunidade de Deus. O discernimento permite que os crentes distingam entre tarefas e distrações, entre demandas urgentes e prioridades eternas. O inimigo frequentemente tenta redirecionar o povo de Deus não por meio de pecado óbvio, mas por meio de convites aparentemente razoáveis que lentamente os afastam do seu chamado. Como Neemias, todo discípulo eventualmente precisa aprender a dizer: “Eu ando fazendo uma grande obra, e não posso descer” (Neemias 6:3). Um claro entendimento do propósito de Deus nos protege de nos distrairmos com toda porta aberta que se apresenta.

Chegamos, então, novamente à imagem que dá título a toda esta lição — a capa. A capa de Bartimeu representava a sua antiga identidade, as suas limitações, a sua segurança e a vida que ele sempre havia conhecido. No entanto, quando Jesus chamou o seu nome, ele imediatamente a jogou fora. Ele se

recusou a carregar a identidade de ontem para dentro do milagre de amanhã. Esse único gesto ilustra lindamente o que todo crente eventualmente precisa fazer. Não podemos continuar nos apegando a identidades formadas pelo medo, pela vergonha, pela rejeição, pela amargura, pelo orgulho ou por fracassos passados, enquanto esperamos abraçar plenamente a nova vida que Cristo preparou para nós. A fé sempre exige soltar aquilo que já não nos pertence.

Por fim, descobrimos que o discernimento e o amor jamais devem ser separados. A sabedoria de Deus nunca é áspera, suspeita ou orgulhosa. Tiago ensina que a sabedoria do alto é “primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos” (Tiago 3:17). Quanto mais o discernimento cresce dentro de nós, mais o caráter de Cristo deveria se tornar evidente através de nós. O verdadeiro discernimento jamais produz arrogância; ele produz humildade. Ele nunca se deleita em expor pessoas; ele se deleita em restaurá-las. Ele nunca busca provar que está certo; busca glorificar a Deus.

A imagem final de Bartimeu é impressionante. Marcos nos diz que, depois de receber a sua visão, “seguia a Jesus pelo caminho” (Marcos 10:52). O maior milagre não foi simplesmente que um homem cego agora podia ver. O maior milagre foi que um homem que havia passado a vida sentado à beira do caminho agora caminhava atrás do Mestre. O seu destino mudou porque a sua identidade mudou. Ele já não pertencia à beira do caminho; ele pertencia à companhia de Cristo.

O mesmo convite permanece diante de todo crente hoje. Jesus ainda está passando. Ele ainda chama as pessoas pelo nome, e não pelos seus fracassos. Ele ainda convida aqueles que passaram anos se escondendo debaixo de identidades antigas a deixarem essas vestes para trás e a segui-LO. A pergunta não é se Cristo está chamando. A pergunta é se estamos dispostos a deixar de lado tudo aquilo que nos cobriu por tanto tempo.

Que possamos pedir ao Senhor, todos os dias, corações que O temam, ouvidos que reconheçam a Sua voz, mentes governadas pela Sua verdade e olhos que enxerguem as pessoas como Ele as enxerga. Que Ele nos dê um discernimento enraizado na humildade, equilibrado pelo amor e fortalecido pela obediência diária. E quando Ele chamar o nosso nome, que tenhamos a fé de Bartimeu — para jogar fora toda capa que já não nos pertence, levantar sem hesitação e caminhar em direção Àquele que sempre nos viu, não pelo que fomos, mas por quem Ele nos criou para nos tornarmos.

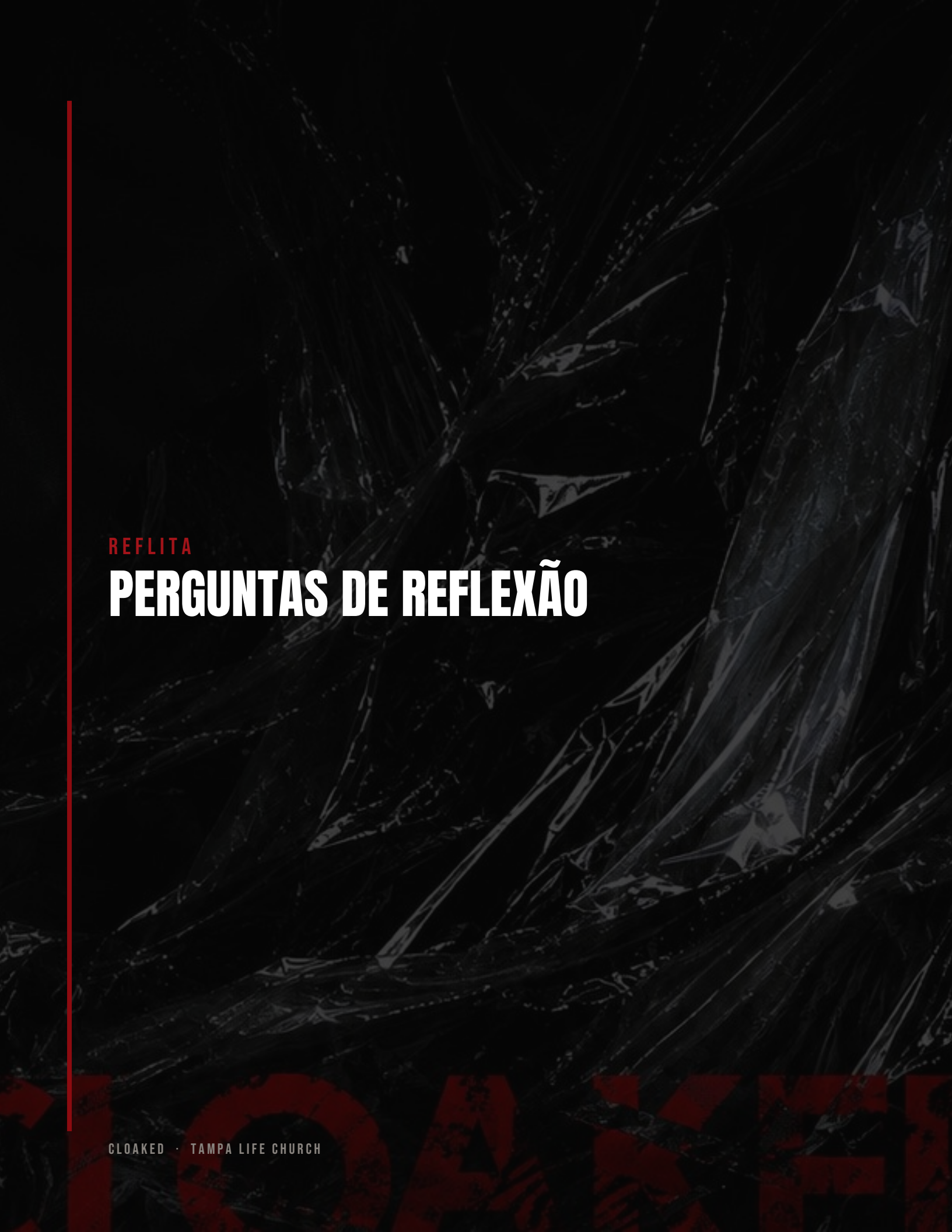


EXERCÍCIO

COMPLETE AS LACUNAS

Complete cada frase usando a lição.

1. O discernimento é desenvolvido por meio de _____, não simplesmente recebido num único momento.
2. O temor do Senhor é o _____ da sabedoria e do verdadeiro discernimento.
3. O milagre de Bartimeu começou, não com o que ele viu, mas com o que ele _____.
4. Antes de Bartimeu chegar a Jesus, ele jogou fora a sua _____, deixando para trás a identidade que o havia definido.
5. A verdadeira maturidade espiritual começa quando pedimos a Deus que _____ o nosso próprio coração antes de examinar a vida dos outros.
6. O amor sem discernimento se torna _____, enquanto o discernimento sem amor se torna _____.



REFLITA

PERGUNTAS DE REFLEXÃO

CLOAKED · TAMPA LIFE CHURCH

 REFLITA

1. Que “capa” você ainda pode estar carregando, que já não reflete a identidade que Deus lhe deu? Como ela influenciou a forma como você se enxerga?

 REFLITA

2. O Pastor ensinou que o discernimento começa ao ouvir a voz certa. Quais vozes mais influenciam as suas decisões a cada dia, e como você pode se tornar mais sensível à voz do Bom Pastor?

 REFLITA

3. Davi orou: “Sonda-me, ó Deus.” Existe alguma área do seu coração — como orgulho, medo, ofensa, insegurança ou ambição — que você precisa entregar ao Senhor para que Ele possa aumentar o seu discernimento?

 REFLITA

4. Pense numa decisão ou oportunidade que você está enfrentando atualmente. Você tem perguntado apenas se ela é boa, ou tem perguntado se ela é verdadeiramente a tarefa que Deus tem para a sua vida?

 REFLITA

5. Tiago ensina que a sabedoria do alto é pura, pacífica, moderada, cheia de misericórdia e sem hipocrisia (Tiago 3:17). Qual dessas características você mais deseja que o Espírito Santo desenvolva em sua vida, e quais passos práticos você pode dar esta semana para crescer nessa área?
